Avaliação de resultados dos tratamentos psicanalíticos: instrumentos da metodologia qualitativa como recursos possíveis

Egberto Ribeiro Turato, Campinas*
*Ronis Magdaleno Júnior**, Campinas*
*Lia Keuchguerian Silveira Campos***, Campinas*

Nas últimas décadas a psicanálise tem sido cada vez mais cobrada no sentido de apresentar resultados e evidências de sua eficácia. As ferramentas para avaliação dos resultados das ciências naturais são insuficientes e inadequadas para este fim. Propomos que, utilizando instrumentos das metodologias qualitativas, será possível criar novos recursos para a avaliação dos resultados dos processos psicanalíticos que se focariam principalmente no sentido que tem (ou teve) determinada análise para o paciente que se submeter ao processo.

Descritores: Pesquisa qualitativa. Psicanálise. Avaliação de processos e resultados (Cuidados de Saúde).

* Livre Docente do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.
** Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
*** Psicanalista pela Sociedade Psicanalítica de Campinas.

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 281 17/12/2010, 10:36

A avaliação de resultados dos tratamentos psicanalíticos é um tema-problema para as ciências naturais ou ciências humanas? O recorte deste objeto de estudo deve buscar nexos causais ou nexos de sentido? Seu caminho científico deve eleger métodos de pesquisa quantitativos ou qualitativos?

A avaliação da eficácia da psicanálise tem sido colocada como uma exigência cada vez maior tanto pela ciência hegemônica da academia atual quanto pela própria instituição psicanalítica oficial (International Psychoanalytic Association) e pelos psicanalistas. A pressão dos seguros de saúde e dos órgãos públicos voltados à saúde coletiva tem, cada vez mais, confrontado os psicanalistas com a necessidade de comprovarem objetivamente os resultados de seu trabalho com evidências em recursos estatísticos. Sabemos – nós psicanalistas e os interessados por este campo – que essa exigência está longe de poder ser atendida de modo integral, pois aquilo que se faz em psicanálise não é próprio do universo das quantidades, mas sim da *qualidade*, da subjetividade, do foro íntimo dos indivíduos.

Contudo, certa acomodação histórica na postura de não levar em conta a necessidade de pesquisas quanto ao rigor acadêmico (Lawder et al., 2008) nestes últimos cento e dez anos – o tempo de existência da nossa ciência, considerando a *Interpretação dos sonhos* como obra inaugural – teve consequências importantes para a respectiva práxis e a profissão. Uma interessante revisão conduzida por Western (1998) mostra como há poucos estudos que "comprovam" as várias ideias da psicanálise. Vemos que a maioria destes estudos provém das áreas das ciências cognitivas e da psicologia social, o que sugere um desinteresse dos próprios psicanalistas em demonstrar à ciência, que a "sua" ciência tem fundamentos em métodos válidos para a construção de teorias.

Entre as consequências negativas dessa atitude podemos citar a diminuição da busca da psicanálise enquanto tratamento do sofrimento psíquico, se comparada com outras abordagens terapêuticas oferecidas, assim como o afastamento progressivo de psicanalistas e, em consequência, da psicanálise enquanto fenômeno institucional, dos grandes meios acadêmicos de ensino, de transmissão do conhecimento, das revistas com bases em dados mundiais eletrônicos e do fomento por agências financiadoras estatais ou privadas. Não se deve ignorar, contudo, que esse afastamento apresentou um possível lado positivo que foi o de ter mantido a psicanálise, enquanto práxis, próxima de seus princípios mais ortodoxos e protegida das pressões acadêmico-mercadológicas cada vez maiores e mais constantes. Como exemplo disso, podemos citar a resistência frente ao mercado de seguros que busca uma pretensa objetivação dos tratamentos da saúde no sentido

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 282 17/12/2010, 10:36

de otimizar a relação custo-benefício ditada por este mercado. Além disso, a psicanálise pôde manter seu percurso, de certo modo livre de influências várias, tais como das disciplinas de neuropsicologia ou da psiquiatria baseada em evidências que, no afã por resultados pragmatistas, acabam por se afastar daquilo que é próprio da subjetividade humana e do sofrimento psíquico dos indivíduos.

Tendo em vista esse cenário, acompanhamos um movimento cada vez maior de psicanalistas e de instituições psicanalíticas em direção a estabelecer diretrizes e instrumentos que possibilitem uma avaliação, digamos, mais objetiva frente ao que os psicanalistas fazem em seus consultórios ou nas instituições de saúde de que participam. É claro que essa avaliação não pode simplesmente submeter-se aos ditames da ideologia da ciência hegemônica atual, que exige a mensuração como evidência e estratégia dominante a serem consideradas na avaliação. Se tentarmos esse caminho, certamente iniciaremos nossa empreitada em desigualdade com as outras áreas do conhecimento que lançam mão de instrumentos quantitativos e, portanto, obtêm resultados matematizados para alcançar suas evidências.

A interessante revisão do que tem sido publicado em periódicos científicos nos últimos anos a respeito da psicanálise e de sua presença nos meios científicos feita por Lawder e colaboradores (2008) apresenta-nos um cenário preocupante, pois denuncia a tentativa dos psicanalistas de utilizarem ferramentas das ciências naturais para balizar a eficiência da práxis psicanalítica, a qual na verdade se insere nas ciências do homem. A nosso ver, este dualismo cria um impasse difícil de resolver.

Acreditamos, por outro lado, que cabe aos psicanalistas desenvolverem instrumentos próprios de avaliação de forma criativa e autônoma, que se apóiem mais naquilo que se convencionou chamar de confiabilidade (*reliability*) no vocabulário da metodologia nas ciências naturais (se é que podemos utilizar a mesma definição nas ciências humanas) e que teria o equivalente, em psicanálise, no atributo metodológico de gerar *convicção* e *consenso* nos conhecimentos advindos de suas investigações científicas. O quadro abaixo, lembrado por Turato (2010), nos auxiliará no percurso a seguir, fornecendo-nos os principais pontos de diferenciação entre as pesquisas quantitativas e qualitativas da metodologia científica.

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 283 17/12/2010, 10:36

Quadro 1 – Classificação geral das ciências e suas principais propriedades

Divisão das Ciências	Campo de Pesquisa e Objeto de Estudo	Objetivo e Critério de Validade	Ciências Modelares
Formais	Campo: a mente humana e sua racionalidade. Objeto: entes ideais (números, figuras geométricas).	Lógica das relações dos entes abstratos. Procura-se conceito estrutural. Validade: coerência demonstrada de enunciados.	Matemática
Naturais ou Empírico-Formais	Campo: a Natureza em suas coisas. Objeto: fatos empíricos e suas correlações matemáticas.	Produtos e relações causa-efeito, unívocas para qualquer tempo e lugar. Procura-se nexo causal. Validade: observação, experimento e reprodutibilidade, na conformidade com o real.	Física, Química, Biologia
Humanas, Simbólicas ou da Cultura	Campo: vivências do Homem, nas dimensões individuais e sociais. Objeto: fenômenos humanos e suas relações de significados.	Processos e interpretação dos significados, que são polissêmicos. Procura-se nexo de sentido. Validade: compreensão na intersubjetividade, com plausibilidade e consenso.	Antropologia, Psicanálise

A psicanálise, ao se considerar parte do campo das ciências do homem, tem mais afinidades com as metodologias qualitativas e, assim, faz sentido que utilize instrumentos de avaliação deste campo do saber. Todo psicanalista sabe que funciona o que ele faz e que ajuda seus pacientes a se tornarem, como diria Freud (1905 [1904]), *aptos para a existência*. Mas observamos que poucos psicanalistas sabem como demonstrar evidências disso que sabem. Nesta perspectiva, procuramos debater neste trabalho a hipótese de que os instrumentos utilizados para *apreender o significado e os sentidos* – que qualquer experiência humana necessariamente contém – podem ser úteis a uma avaliação fidedigna dos efeitos e, por que não dizer, da eficiência da psicanálise e de seus recursos terapêuticos.

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 284 17/12/2010, 10:36

Ciências naturais e ciências humanas, métodos quantitativos e qualitativos

O discurso da pesquisa em ciências naturais mescla-se historicamente com a fala sobre métodos quantitativos, assim como o discurso das ciências do homem mistura-se com a consideração sobre métodos qualitativos também chamados de compreensivo-interpretativos. É pertinente recordar que, embora as ciências do homem tenham requerido o uso dos métodos qualitativos para a compreensão (simbólica) de seus objetos de estudo, muitos pesquisadores destes campos científicos – como a sociologia e a psicologia – usam normalmente métodos quantitativos para abordá-los, já que levantam perguntas voltadas para a frequência de certos fenômenos e as correlações estatísticas entre eles.

O termo *quantidade* remete-nos à ideia geral da possibilidade de algo mensurável, isto é, da relação entre uma e outra grandeza, enquanto, por sua vez, *qualidade* fala-nos da determinação da identidade de um objeto. Contextualizando o assunto, a quantidade, no conceito platônico, encontra-se entre o ilimitado e a unidade, enquanto no conceito aristotélico é aquilo que é divisível em partes determinadas ou determináveis (Abbagnano, 1998). A qualidade, por sua vez, compõe-se de uma família de conceitos que têm em comum a função puramente formal de poder ser empregada como resposta à pergunta: "qual?" (Abbagnano, 1998).

Tomando os precedentes históricos das ciências naturais, Galileu foi o autor daquilo que se denominou *revolução copernicana*, ou mesmo seu herói e mártir tal como nos reforça Japiassu (1997). Nesse pensador, no início do século XVI, encarna-se o espírito da construção autônoma de conhecimentos novos explicativos da realidade natural, o espírito do ocidente europeu de conquista de territórios. Nessa nova perspectiva, a pesquisa, concebida como experimental e científica, ocupa-se em "torturar" a natureza para arrancar-lhe os segredos de seu funcionamento, forçando-a a "confessar" suas leis, sempre ocultas ao olhar na leitura imediata da realidade. Neste texto, apenas a título de introdução, apontamos que, usando um método próprio de trabalho, a ciência iniciante adquiria sua autonomia, passando a instrumentação científica a contar com os seguintes princípios:

1) *observação* – ao registrar os fenômenos segundo sua ocorrência, sem que o cientista se deixasse levar por conceitos externos ao campo científico, como até então – há quase quatro séculos – seriam entendidos os conhecimentos sob influência do entendimento religioso, as sagradas escrituras, ou filosófico, em particular aristotélico, predominante nas universidades européias;

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 285 17/12/2010, 10:36

2) *experimentação* – ao fazer com que todo resultado, para ser considerado científico, se obtivesse a partir da intervenção do investigador na natureza, controlando variáveis, buscando relações causa-efeito fundamentadas na concomitância das mensurações, garantindo a reprodução dos resultados e novas pesquisas científicas do mesmo objeto de estudo sujeito às mesmas condições naturais;

3) *indução* – ao buscar a regularidade matemática na repetição das relações entre fenômenos, na concepção científica emergente, que não deveria apenas se ater ao caso particular, mas confirmar-se pelo registro de outros casos e de relações causais em posterior observação, até chegar à elaboração de leis de validade universal.

Nascia assim nossa ciência moderna tal como a entendemos na descendência cultural européia, difundida nas sociedades ocidentais e, sequencialmente, hoje em todo o mundo em que dominam os valores ocidentalizados. Nasciam então as chamadas ciências naturais, nas quais o processo científico não se resumia a uma observação meramente contemplativa, ingênua, segundo avaliação da comunidade científica do novo paradigma.

Desse momento em diante, no universo aberto perante nossos olhos, fazer ciência implicava em coletar os dados metodicamente para descobrir suas relações matemáticas e assim construir teorias aceitas como explicativas de uma ordem invisível inscrita numa linguagem no próprio universo. Nesta visão, a ciência foca-se em limites precisos, servindo-se do experimento, ou seja, basta-se a si mesma na apreensão das características pertencentes às coisas estudadas. Todavia esta correta proposta inicial sofreu reducionismos, tais como o cartesianismo e o positivismo, que criaram artifícios, respectivamente, engessando cada empreendimento científico nas regras do método experimental e anulando a imaginação criativa da subjetividade do cientista. Contudo, resgatando a ideia original, Galileu ganha o inequívoco mérito de conceber uma ciência que caminha com pernas próprias, livre da construção com base no saber filosófico e religioso.

Enfatize-se que o objeto de interesse de Galileu não foi o homem, enquanto portador de fenômenos também passíveis de serem entendidos e compreendidos, mas as coisas da natureza, o que permitiu o nascimento valioso da astronomia e da física modernas. A ciência que emergia, ao se ocupar dos fenômenos naturais, não se atinha obviamente a atribuir um "sentido humano" às coisas do universo. O alvo era decifrar o funcionamento intrínseco à natureza, conhecer as relações matemáticas entre seus elementos, o que fez com que os métodos quantitativos permanecessem em realce nesses quatro séculos.

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 286 17/12/2010, 10:36

A história dos métodos qualitativos e a grande área das ciências humanas

Para Galileu Galilei[1], a nascente ciência estava inscrita na própria natureza frente à nossa percepção, e a matemática era a linguagem que deveria ser conhecida para se decifrarem as correlações entre os fenômenos naturais. Podemos dizer, segundo parafraseou Turato (2010), que as ciências do homem encontram-se escritas neste grande livro que, continuamente, se abre perante nossos olhos (isto é, as pessoas, a sociedade), o qual não se pode compreender antes de entender a língua com a qual está escrito. O livro está escrito na língua dos significados, das simbolizações, das representações, sem cujas interpretações é impossível entender cientificamente os fenômenos humanos. Quando o objeto de estudo é o ser humano, sem os instrumentos da observação e da escuta voltadas para os indivíduos ou os grupos, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.

A história dos métodos qualitativos para as ciências humanas é, portanto, mais recente, tem cerca de um século, mesclando-se ao início das ciências do homem com autonomia metodológica, as quais surgem em justaposição às então já estruturadas ciências da natureza. Contudo, sabemos que muito antes o homem já se ocupava em compreender o próprio homem. Tendo-o como objeto de entendimento, por séculos e séculos, esta abordagem manteve-se circunscrita ao campo contemplativo da filosofia. Recordemos que os estudos dos chamados fatos humanos surgiram num período em que prevalecia uma forte concepção empirista e determinista da ciência. Isto levou os cientistas a buscarem leis causais necessárias e universais também para o enfoque dos fenômenos humanos, num trabalho por analogia, porém com resultados muito contestáveis e de pouco rigor científico (Chauí, 1995).

Os métodos qualitativos de pesquisa se aplicam quando o objetivo é entender a condição humana, é compreender os significados psicológicos e culturais atribuídos à experiência humana. Esta metodologia de pesquisa ganha status científico a partir de trabalhos acadêmicos de antropólogos, sociólogos e educadores, tendo as estratégias da psicanálise também incrementado de forma relevante esse estudo e compreensão. Tais métodos supõem "uma afirmação da

[1] Para esse pensador: "A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem ele nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto" (Galilei, 1983, p. 46).

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 287 17/12/2010, 10:36

qualidade contra a quantidade, refletindo uma luta teórica entre o positivismo e as correntes compreensivistas em relação às formas de valorização do significado" (Minayo, 2007, p. 24), sendo esta sua concepção central. Dentre as disciplinas que se têm valido deste método de pesquisa alinham-se aquelas que pertencem às ciências do homem tais como as antropologias, a sociologia compreensiva, as ciências da educação intepretativas, a psicologia dinâmica e a própria psicanálise evidentemente.

Segundo Turato (2010), trabalhar qualitativamente em ciência implica, necessariamente e por definição, em interpretar sentidos e significados que a pessoa dê aos fenômenos sob estudo através de técnicas de observação ampla e entrevistas em profundidade, em que se valorizam a interação pessoal bem como os elementos do *setting* natural do sujeito pesquisado.

Minayo define as metodologias de pesquisa qualitativa, dentro de sua abordagem sociológica, como "aquelas capazes de incorporar a questão do *significado* e da *intencionalidade* como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais" (2007, p. 22). Diferentemente das ciências naturais, essas metodologias buscam discutir as relações de significado presentes nas falas sobre os fenômenos individuais ou sociais, não lhes cabendo ater-se ao emprego de métodos matematizados, que buscam relações causais entre os fenômenos naturais.

A metodologia qualitativa consiste num conjunto de conhecimentos que permite abordar o homem em sua complexidade, como um todo, em contínua relação consigo mesmo e com o seu meio social. Deste modo, ao estabelecer o uso de um método de pesquisa que se situa entre as ciências do homem, deve-se estar preparado para entrar num campo de entendimento distinto do assumido pelas ciências naturais, centrado na objetividade e na suposta neutralidade do pesquisador em relação ao observado.

Morse e Field (1995), de modo detalhado, definem os recursos qualitativos como "métodos de pesquisa indutivos, holísticos, êmicos, subjetivos e orientados para o processo, usados para compreender, interpretar, descrever e desenvolver teorias relativas a fenômenos ou a *settings*" (p. 243). Nessa definição, pode-se acompanhar o imbricamento proposto pelo método entre as questões pessoais/subjetivas, tanto dos pesquisados quanto do pesquisador. Reside neste ponto uma das características principais do método, ou seja, que o conhecimento se produz na perspectiva dos sujeitos investigados, consistindo-se assim o referido caráter êmico: cabe ao pesquisador observar, descrever e interpretar os sentidos dos fenômenos conforme se apresentam no discurso dos investigados.

Foram os fundamentos do pensamento fenomenológico que forneceram as bases filosóficas das metodologias qualitativas, já que é o *significado* dado pelos

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 288 17/12/2010, 10:36

sujeitos que permite a compreensão autônoma da essência do objeto de estudo, com entendimento teórico elaborado na consciência do cientista a partir dos fenômenos passíveis de serem apreendidos pela percepção humana. Entenda-se aqui *fenômeno* como tudo o que se faz ver, aquilo que se revela à consciência humana através da percepção, não apenas as coisas materiais que percebemos e apreendemos – estudadas pelas ciências da natureza, a física, a química, a biologia e as suas centenas de filhas – mas também as coisas puramente ideais, entes no pensamento humano (as estudadas pela matemática e a lógica) e as "coisas" criadas pela ação humana (as que chamamos de cultura).

O método clínico-qualitativo organizado por Turato (2010) é uma particularização das metodologias qualitativas oriundas das ciências humanas, aplicado no enquadre específico da saúde. Trata-se, portanto, de uma proposta de adequar a tradicional e abrangente metodologia qualitativa a problemas localizados na clínica. A construção epistemológica da metodologia clínico-qualitativa fez-se no casamento das concepções dos métodos qualitativos nascidos nas ciências humanas, sobretudo da antropologia, conceitualmente *compreensivo-interpretativos*, com os conhecimentos e as atitudes clínico-psicológicas desenvolvidos na centenária psicanálise e no campo milenar da prática médica.

A partir de três atitudes – existencialista, clínica e psicanalítica – constituídas em pilares para o pesquisador que usa o método clínico-qualitativo, torna-se possível, respectivamente, acolher as angústias vitais do ser humano, dar-lhe cuidados e valorizar os aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo. Institucionalmente, entre várias aplicações, tal método é um recurso investigativo nas áreas da psicologia médica e da saúde, ao interpretar significados relatados pelos sujeitos que vivenciam o processo saúde-doença. Na ancoragem teórica da discussão dos resultados, o pesquisador recorre a um quadro interdisciplinar de referenciais como ferramentas para "rodar" dados coletados, em si mudos e inertes (Turato, 2010).

Consideramos que os contextos cultural e social conservam sua objetividade, tendo sua espessura e dinâmica atravessadas pelo econômico, político, religioso, simbólico e imaginário. O sujeito particular só pode ser entendido como parte desta dinâmica objetiva e de seu entorno cultural, onde tudo adquire sentidos, visto que nada de humano é desprovido de significado assim como não há uma explicação única para os fenômenos (Minayo, 2007). Assim, só podemos conceber a realidade das ocorrências profundamente permeada pelo simbólico e pelo afetivo; qualquer pretensão de objetividade deve levar em conta esta questão, sob risco de cair-se numa objetividade ingênua e distante da realidade.

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 289 17/12/2010, 10:36

Uma breve visão sobre a aplicação do método qualitativo em pesquisa

Instrumentos utilizados numa pesquisa científica são meios específicos para se viabilizar o método. Eles permitem a captação dos dados, sua organização na consciência do pesquisador à luz de um quadro de referenciais teóricos e a inferência de resultados enquanto novos conhecimentos. Trata-se de procedimentos que permitem operacionalizar a técnica de pesquisa em campo.

A amostra de sujeitos é construída sempre de modo intencional, ou seja, compõe-se de informantes certos para trazerem material a respeito do assunto sob investigação. Esta estratégia difere da técnica de amostragem randômica, organizada por técnicas estatísticas, preocupada com a representatividade de certa amostra em relação à população total (Morse; Field, 1995). Como não se pretendem inferências de raciocínio estatístico, o tamanho da amostra vai decorrer de necessidades não matematizadas (Fontanella, 2000). Assim, a exigência de amostras randômicas e numerosas, características das pesquisas quantitativas, é desnecessária, senão inconveniente para os propósitos de uma pesquisa qualitativa (Fontanella, 2000).

Como o objeto de estudo dos métodos qualitativos é algo, por definição, não quantificável, as entrevistas não dirigidas são instrumentos por excelência para a coleta de dados em pesquisa qualitativa, com o propósito de familiarizar o pesquisador com fenômenos ainda pouco explorados. As entrevistas que melhor se prestam a um estudo qualitativo são aquelas livres do discurso do informante, durante as quais, através de questões abertas, se estimulam os entrevistados a falarem sobre os significados que *eles atribuem a suas experiências de vida*. Permite-se que o sujeito coloque livremente o conteúdo de sua resposta a partir de questões disparadoras do pesquisador, cuja meta é colocá-lo dentro de um campo de informações estabelecido pelos objetivos definidos no projeto de pesquisa. Estes instrumentos permitem que os pesquisados revelem dados de forma discursiva e que façam inferências sobre o conteúdo latente e a psicodinâmica destas vivências (Fontanella, 2000). As entrevistas são gravadas em áudio e posteriormente transcritas para propiciarem a fase das chamadas *leituras flutuantes* do conjunto do material obtido.

Os dados resultantes são, então, tratados e dispostos em categorias/tópicos que "são conjuntos e subconjuntos ideativos formados a partir do trabalho de discriminação que o pesquisador faz daqueles índices observados" (Fontanella, 2000, p. 83). As categorias, portanto, são conceitos classificatórios, ou seja, palavras impregnadas de significação, por meio dos quais a realidade é pensada,

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 290 17/12/2010, 10:36

em abstração, de forma hierarquizada (Minayo, 2007).

A *análise de conteúdo* é uma denominação genérica de um conjunto de técnicas de análise da comunicação que, partindo do discurso manifesto e daquilo que nele é latente, procura apreender, por procedimentos sistemáticos, além daquilo que é dito, a subjetividade e a intimidade não ditas dos sujeitos (Turato, 2010). Trata-se de um processo que se dá a partir de fenômenos históricos pessoais e psíquicos presentes na fala e na postura daquele que se pronuncia, processo que permite ultrapassar o alcance descritivo da mensagem manifesta e atingir interpretações plausíveis e aplicáveis a outros *settings*, no entendimento de vivências de outras pessoas, em outros momentos e lugares, gozando de cientificidade, portanto.

Na análise temática de conteúdo procura-se encontrar certos *núcleos de sentido* que compõem a comunicação, cuja presença *signifique algo* para o objeto analítico visado. A recorrência de determinadas idéias também pode ser relevante (Bardin, 1979) e culminar na etapa que consiste numa operação que visa a alcançar os *núcleos de compreensão* do texto. O investigador busca encontrar expressões ou palavras significativas, entre as quais sobressaem as analogias e as metáforas construídas pelo entrevistado, em função das quais o conteúdo da fala se organizará.

O discurso do sujeito como a busca central no método qualitativo

> *"O que torna o trabalho interacional um instrumento privilegiado (...) é a possibilidade que tem a fala de ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, as representações grupais, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas"* (Minayo, 2007, p. 204).

A fala contém, em sua própria estrutura, a experiência de vida de cada um, possibilitando o entendimento entre duas subjetividades. Por sua densidade, constitui-se numa ocorrência social em si mesma. A linguagem constitui o humano em sua essência, constitui uma complexa malha social e permite algum acesso aos sentidos da existência, sendo, portanto, elemento chave na construção do conhecimento. Não é por acaso e nem sem fundamento que as ciências do homem se utilizam dela como elemento privilegiado na construção do saber.

Contudo, por paradoxal que pareça, a questão que mais amiúde se coloca aos pesquisadores que utilizam métodos qualitativos é: – Em que sentido a fala

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 291 17/12/2010, 10:36

de um é representativa da fala de muitos? Em outras palavras, como se pode depreender resultados objetivos e universais a partir das falas individuais do sujeito?

Minayo (2007), ao buscar responder a estas questões (sempre carregadas de uma crítica mais ou menos velada à cientificidade dos métodos qualitativos), lembra a visão bourdiana que sugere que, nos agrupamentos humanos, a identidade de condições de existência tende a reproduzir sistemas de disposições semelhantes, por meio de um tipo de harmonização ou cristalização objetiva de práticas e obras que se repetem em usos e costumes. Ou seja, o indivíduo humano, ao fazer parte de um grupo, passa a funcionar como porta-voz daquele grupo por fazer parte da identidade daquele grupo, reproduzindo suas questões, ainda que sua configuração individual seja particular e idiossincrática. Deste modo, sua fala, mesmo que se proponha uma comunicação objetiva e individual em si, carrega nos seus interstícios a marca cultural e histórica do grupo em que se insere e, em última análise, aquilo que é constitutivo do homem. Neste ponto é inevitável pensar na constituição do sujeito atravessado por um inconsciente que dirige o curso de seu funcionamento racional (Freud, 1915) e, mais do que isto, que este inconsciente é formado transgeracionalmente pela transmissão dos valores da cultura (Freud, 1921).

Assim, entendemos que a representatividade do grupo na fala do indivíduo ocorre porque tanto o comportamento social quanto o individual obedecem a modelos culturais interiorizados, ainda que as expressões pessoais apresentem sempre variações em conflito com as tradições do grupo ao qual pertence (Minayo, 2007). A fala do indivíduo nada mais faz do que dar concretude, das mais variadas formas, às estruturas que sustentam o grupo e a cultura, enquanto que o indivíduo que a profere deve ser tomado como uma "amostra de continuidade" (Sapir, 1967, apud Minayo, 2007).

Uma proposta para avaliação de resultados da psicanálise a partir da metodologia qualitativa

A questão central de qualquer metodologia qualitativa é a análise/interpretação dos dados obtidos em campo, bem como manter o rigor da validade de suas inferências e resultados. É nesse ponto que a psicanálise e a metodologia qualitativa se aproximam, complementando-se numa relação dialética, na qual a psicanálise serve como recurso válido para a análise de dados e, ao mesmo tempo, os significados e as vivências de um processo analítico podem ser avaliados pelo

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 292 17/12/2010, 10:36

emprego do método qualitativo a pessoas que passaram por tratamento psicanalítico.

Comecemos pelo primeiro elemento dessa dialética: a psicanálise como instrumento útil na análise de dados proposta pela metodologia qualitativa. Turato (2010) situa a atitude *psicanalítica* como importante elemento do pesquisador no método clínico-qualitativo, que, juntamente com as atitudes *existencialista* e *clínica*, distinguem este método particularizado em relação àqueles que poderíamos chamar de qualitativos gerais. Entende-se por *atitude psicanalítica* o posicionamento que leva em conta, nas tarefas do pesquisador, os fenômenos decorrentes da interação afetiva entrevistador-entrevistado, dos fenômenos da transferência e contratransferência e do uso das teorias psicodinâmicas trazidas para a interpretação dos dados obtidos, considerando sempre a influência do inconsciente dinâmico no discurso.

Para a compreensão da realidade subjetiva dos entrevistados é fundamental que o pesquisador tenha algum conhecimento de sua própria dinâmica interna, de seu modo de receber as informações advindas do mundo externo e do modo pelo qual lida com emoções, para que então possa alcançar e interpretar os dados de maneira válida cientificamente. Um pesquisador aberto à escuta interna de si, ou seja, um entrevistador sensível e apto a compreender também as manifestações inconscientes dos entrevistados terá a seu dispor um infindável campo de novos sentidos para fenômenos que, de outro modo, permaneceriam inacessíveis.

O segundo elemento da dialética acima proposta é aquele que mais diretamente interessa ao objetivo deste trabalho, ou seja, a possibilidade de lançarmos mão do método qualitativo para avaliarmos os sentidos que o processo psicanalítico tem ou teve para um analisando. Acreditamos que, ao aplicar entrevistas semidirigidas a pessoas que passaram por um processo psicanalítico, o pesquisador qualitativista pode apreender os sentidos desse para uma amostra de indivíduos. Como vimos acima, cremos ser questionável a avaliação do processo psicanalítico feita por análises estatísticas dos resultados que deverão ter sido mensurados, pois, em essência, a psicanálise e seu objeto, o inconsciente, não são apreensíveis em números. Por outro lado, avaliações simplesmente subjetivas são ingênuas e não têm qualquer poder de convencimento dentro da comunidade científico-acadêmica e muito menos como critérios de avaliação exigidos por entidades públicas ou privadas de saúde. Propomos, então, a avaliação do processo analítico a partir dos *sentidos* que teve para indivíduos que a ele se submeteram, sendo essa uma ferramenta inovadora e válida para atingirmos o objetivo de definir o alcance e a eficiência da psicanálise.

Do ponto de vista operacional, seguindo os ditames do modelo das ciências

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 293 17/12/2010, 10:36

do homem, particularmente das metodologias qualitativas, propomos para essa avaliação a construção de uma amostra intencional de sujeitos que se submeteram à psicanálise e nos quais seria aplicada a técnica da entrevista semidirigida de questões abertas. A partir dos dados (brutos) obtidos, se realizariam a etapa da análise qualitativa de conteúdo e a construção das categorias empíricas, a fim de inferir, de modo válido cientificamente, os *sentidos* que teve o processo analítico para aquelas pessoas analisadas. Estaríamos, então, autorizados a inferir os sentidos do processo analítico e seu potencial transformador e terapêutico.

Valendo-nos das metodologias qualitativas e de suas especificidades, nos acreditamos satisfatoriamente instrumentalizados para investigar o *significado das experiências* dos sujeitos, sua intimidade, seus conflitos e angústias específicas, em sua inserção num momento cultural dado, e para expandir o alcance do conhecimento, podendo inclusive avaliar a eficácia da psicanálise. Nos aproximaríamos de forma confiável, dos ganhos efetivos da prática da psicanálise para seus pacientes. Abrimos mão, propositalmente, de qualquer tentativa de natureza quantitativa, por julgarmos, reforçando o já mencionado, que a psicanálise trabalha com um objeto não mensurável, cujos resultados logicamente também não o são.

Ao nos avizinharmos da compreensão dos fenômenos ligados à saúde – no caso a psicanálise como um procedimento do campo da saúde – do campo simbólico social, expandimos nosso olhar sobre ela. Ao introduzirmos a cultura em sua definição, na avaliação de seus efeitos, a visão qualitativa demarca um espaçamento radical. Com este reposicionamento, o conceito de saúde se amplia e passa a conter as articulações da realidade social, sendo a cultura em que o indivíduo se insere e da qual é elemento constitutivo o "*locus* onde se articulam os conflitos e as concessões, as tradições e as mudanças e onde tudo ganha sentido ou sentidos" (Minayo, 2007, p. 31). Desse modo, ao propormos a avaliação da psicanálise a partir de seu potencial de criar novos sentidos, novas inserções na cultura a que pertence o sujeito, teremos um instrumento valioso como opção às discutíveis ferramentas de avaliação quantitativas, que pouco servem a nosso campo de trabalho; cria-se, inclusive, uma situação de desvantagem no que tange à comprovação de eficiência em relação às terapias biológicas e psicológico-naturalistas que se encaixam de modo mais preciso nas ferramentas numéricas de avaliação.

A questão que nos toca diretamente é a que se refere ao que deve ser avaliado enquanto eficácia terapêutica em um processo psicanalítico. Pensamos que, ao invés de números e estatísticas, o que temos a oferecer são *processos de sentido*. Ou seja, o que, após um processo de psicanálise conduzido adequadamente,

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 294 17/12/2010, 10:36

significou essa experiência para aqueles que a ele se submeteram. Se formos a campo com a equidistância necessária e possível a qualquer pesquisador das ciências humanas, estaremos aptos a avaliar tanto os efeitos ditos positivos como os negativos do procedimento, inclusive a possibilidade de ineficiência da psicanálise.

Mais do que avaliações estatísticas, o que esses resultados oferecem são apreensões genuínas, por parte dos analisandos, a respeito da experiência vivenciada. Mais do que dizermos *quantos por cento* melhoraram ou pioraram (sempre a partir de instrumentos de avaliação questionáveis do ponto de vista operacional), podemos oferecer como resposta o que sentem que aconteceu com eles, o que isso os ajudou, ou não, em relação a seu estar no mundo e na cultura, o que isso significou para eles. Como bem nos alertou Turato (2010), a possibilidade de responder ao *o que* das pesquisas qualitativas se sobrepõe, nesse campo, ao *o quanto* da pesquisa quantitativa, abrindo outro campo de investigação de resultados, sintônico com o campo da psicanálise e as exigências de evidências da ciência acadêmica atual. Acreditamos que é dentro desse enquadre amplo que devemos procurar, com criatividade e independência das pressões mercadológicas, formas adequadas de avaliar e demonstrar de modo coerente os resultados do que fazem os psicanalistas. ❐

Abstract

Assessment of results of psychoanalytical treatment: instruments from qualitative methodology as possible resources

In recent decades psychoanalysis has been increasingly charged to present evidences of its effectiveness. Tools for assessing the results of natural sciences are insufficient and inadequate for this purpose. We propose that, using instruments of qualitative methodologies, we can create new resources for the evaluation of the results of psychoanalytic processes, which would focus mainly the on sense that has (or had) psychoanalysis to the patient who underwent to the procedure.

Keywords: Qualitative Research. Psychoanalysis. Outcome and process assessment (Health Care).

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 295 17/12/2010, 10:36

Resumen

Evaluación de resultados de los tratamientos psicoanalíticos: instrumentos de la metodología cualitativa como recursos posibles
En las últimas décadas, el psicoanálisis ha sido cada vez más cobrado a presentar evidencias de su eficacia. Herramientas para la evaluación de los resultados de las ciencias exactas y naturales son insuficientes e inadecuadas a tal fin. Proponemos que, con los instrumentos de metodologías cualitativas, se puede crear nuevos recursos para la evaluación de los resultados de los procesos psicoanalíticos, que se centraría en el significado que tiene (o tuvo) el análisis para el paciente que se ha sometido al procedimiento.

Palabras llave: Investigación cualitativa. Psicoanálisis. Evaluación de procesos y resultados (Atención de Salud).

Referências

ABBAGNANO, N. (1998). *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. p. 816.
BARDIN, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
CHAUÍ, M. S. (1995). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática.
FONTANELLA, B. J. B. (2000). *Procura de tratamento por dependentes de substâncias psicoativas*: um estudo clínico: qualitativo. 2000. Tese (Mestrado). Campinas: Universidade de Campinas, 2000. p. 83.
FREUD, S. (1905 [1904]). Sobre a psicoterapia. In: *Obras completas*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 263-278.
_____. (1915). O inconsciente. In: *Obras completas*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 185-245.
_____. (1921). Psicologia de grupo e a análise do ego. In: *Obras completas*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 89-179.
GALILEI, G. (1983). *O ensaiador*: e textos de outros autores. São Paulo: Abril Cultural. p. 46, 99-238. (Coleção Os pensadores).
INTERNATION PSYCHOANALITYCAL ASSOCIATION [home page na internet]. Disponível em: <www.ipa.org.uk>. Acesso em 05 set. 2010.
JAPIASSU, H. (1997). *A revolução científica moderna*: de Galileu a Newton. São Paulo: Letras & Letras. p. 57.
LAWDER, G. et al. (2008). *The enduring significance of psychoanalytic theory and pratice*. Disponível em: <www.ipa.org.uk/Files/media/PrevSite/Docs/Research/APsaA-pwrpnt-presentation—aug-08.ppt#288,1>. Acesso em: 5 set. 2010.
MINAYO, M. C. S. (2007). *O desafio do conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec. p. 22, 24, 31, 204.
MORSE, J. M.; FIELD, P. A. (1995). *Qualitative research methods for health professionals*. London: Sage. p. 243.

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 296 17/12/2010, 10:36

TURATO, E. R. (2010). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação às áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2010.
WESTERN, D. (1998). The scientific legacy of Sigmund Freud. Toward a psychodinamicallyinformed psichologicalscience. *Psichological Bulletin*, v. 124, n. 3, p. 333-371.

Recebido em 19/04/2010
Aceito em 07/05/2010

Ronis Magdaleno Júnior
Rua Padre Almeida, 515 / 14
13025-251 – Campinas – São Paulo – Brasil
Telefone (19) 3254-2103
e-mail: ronism@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

07 sppa2-10 avaliação-egberto et al.P65 297 17/12/2010, 10:36